



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da mina de cobre do Sossego**

Canaã dos Carajás-PA, 02 de julho de 2004

Excelentíssimo senhor Simão Jatene, governador do estado do Pará,
Meu companheiro José Dirceu, ministro-chefe da Casa Civil da
Presidência da República,

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Minha querida companheira, senadora Ana Júlia,

Meu querido senador Luiz Otávio,

Meus queridos companheiros deputados,

Professor Luizinho, líder do governo na Câmara dos Deputados,

Asdrúbal Bentes, José Geraldo, Paulo Rocha,

Meu caro prefeito de Canaã dos Carajás, Anuar Alves,

Meu querido companheiro Edmilson Rodrigues, prefeito de Belém,

Meus queridos companheiros prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Meu caro companheiro Roger Agnelli, presidente da Companhia Vale do
Rio Doce e sua esposa Andréa Agnelli,

Meu querido companheiro Sérgio Rosa, presidente da Previ e presidente
do Conselho de Administração da Vale do Rio Doce,

Meus companheiros e companheiras diretores da Vale do Rio Doce,

Empregados, trabalhadores e trabalhadoras da Vale do Rio Doce,

Meus queridos companheiros do Primeiro Emprego, vocês vão ver como
vai ser bom receber o primeiro salário. Vocês vão perceber que não vai dar
para pagar todas as dívidas que vocês contraíram por conta do primeiro
emprego. De qualquer forma, um dos prazeres inesquecíveis do ser humano é
quando ele recebe o seu primeiro salário, resultado do seu trabalho. Por isso



meus parabéns à Vale do Rio Doce por essa oportunidade. Mas nem tudo é alegria, meus amigos.

Eu quero pedir um minuto de silêncio, porque a vereadora Tereza Cristina, de São João do Araguaia, que vinha para esta cerimônia, o carro dela sofreu um acidente com o carro dela e faleceu. Então, eu quero pedir um minuto de silêncio em homenagem à nossa vereadora Tereza Cristina.

Meus amigos e minhas amigas,

Meus companheiros e minhas companheiras

Aqui em Carajás, debaixo deste solo, existem riquezas imensas que têm contribuído muito para o desenvolvimento e o progresso social do nosso querido Brasil. A produção daqui e, em breve, das outras minas que integram o projeto, vai levar o Brasil à auto-suficiência em cobre e ampliará, mais ainda, a nossa capacidade exportadora no setor mineral.

A Vale, como vocês sabem, além de ser uma das maiores mineradoras do Planeta, é também a maior exportadora nacional, responsável por 14% do saldo comercial do Brasil no ano passado. O setor mineral, como um todo, responde por cerca de 30% desse resultado.

A alavanca exportadora, uma das mais destacadas prioridades do nosso governo, tem alcançado objetivos extraordinários. O superávit crescente em nossa balança comercial – 24 bilhões e 800 milhões de reais em 2003 – comprova o acerto desse caminho.

E isso não vem ocorrendo por acaso. Trata-se de uma forte ação estratégica composta pela agenda criativa de nossa diplomacia e por nossa presença ousada no comércio exterior.

É assim que o Brasil tem enfrentado graves pontos de estrangulamento da economia, o que não vinha sendo feito nos últimos anos, procurando diminuir em especial a nossa vulnerabilidade. E é importante dizer, aqui, governador, prefeitos, de que nos últimos doze meses, o Brasil bateu um novo



recorde, porque o nosso superávit ultrapassou 29 bilhões de dólares, coisa jamais pensada na economia brasileira. E, em doze meses, já fizemos uma exportação de 83 bilhões de dólares, coisa também impensável por qualquer economista, se falássemos isso em janeiro de 2003.

Mas essa é uma dinâmica que tem pela frente enormes desafios, e que requer uma combinação delicada e muito corajosa de iniciativas externas e internas.

Os pólos exportadores que dependem de boas estradas, portos profundos e muita energia, entre outros fatores, são fortes indutores de desenvolvimento infra-estrutural.

Mas para que isso realmente se efetive, é preciso fazer planejamento e criar condições favoráveis a esses investimentos pesados. Infelizmente, a omissão do Estado brasileiro em atender esses requisitos fundamentais levou o nosso país, por exemplo, a viver, há poucos anos, o apagão e um racionamento de energia elétrica, além de sérios problemas de infra-estrutura. Por isso, o nosso governo, com muito esforço e com a ajuda de muita gente, está tentando corrigir esse descaso histórico do nosso país.

Como vocês sabem, estamos investindo na ampliação dos nossos aeroportos, na restauração, ainda este ano, de 7 mil e 800 quilômetros de estrada, na modernização dos portos, bem como na criação de corredores multimodais integrando rodovias, ferrovias e hidrovias.

Em relação às riquezas minerais, nossos pesquisadores estão convencidos de que o Brasil poderia ter hoje outras Carajás, produzindo muito mais riqueza e desenvolvimento para o nosso país. Mas, se o Estado não faz a sua parte e não investe, por exemplo, no mapeamento do nosso subsolo, como atrair investimentos privados, nacionais e internacionais para o setor mineral? Sabem desde quando o Brasil não investia sistematicamente nesse campo? Desde 1978. Eu não estou falando de um governo, eu estou falando de quase três décadas que o país não investia para descobrir as riquezas que nós temos



no solo e no subsolo.

É com muita alegria, portanto, que faço questão de destacar que o nosso serviço geológico, vinculado ao Ministério de Minas e Energia, já concluiu a primeira Carta Geológica do Brasil ao Milionésimo. Esta carta significa o maior e mais importante conjunto de dados disponíveis, já organizados por meio digital, sobre a geologia, a geoquímica e a geofísica do território brasileiro.

Além disso, estamos investindo, até o final do governo, 160 milhões de reais para a produção de novos mapas geológicos, que cobrem 2 milhões e 500 mil quilômetros quadrados do nosso território, o que representa um aumento de 72% em relação à atual cartografia nacional.

Para a retomada do Programa de Aerogeofísica, alocamos também recursos de cerca de 200 milhões de reais, que estão sendo utilizados no levantamento aéreo de outros 2 milhões e 700 mil quilômetros quadrados do nosso solo e subsolo.

Ao todo, estamos investindo neste setor, em quatro anos, mais do que foi investido no último quarto de século no nosso país. E, com o resultado desse trabalho, nós vamos induzir um novo ciclo de investimentos na pesquisa e na produção mineral no nosso país.

Nossa meta é aumentar em mais de 30% a área de lavras do território brasileiro, gerando um acréscimo de 6 bilhões de reais no PIB mineral e, se Deus quiser, 500 mil novos empregos diretos e indiretos no nosso país.

E estamos fazendo isso com muito mais racionalidade e controle ambiental, possibilitando melhores condições de segurança para as empresas envolvidas e para a nossa população.

Meus queridos companheiros e companheiras

O reforço do investimento em infra-estrutura, puxado pelo governo federal, é um dos passos imediatos e essenciais para relacionar a alavanca exportadora e a retomada do crescimento interno da nossa economia. Já



estamos fazendo isso e, tenho certeza, vamos fazer muito mais.

Nós queremos que essa dinâmica positiva vá tomando conta progressivamente do conjunto da economia, fazendo com que a nossa lógica produtiva, que gera emprego, inclusão social e distribui renda, supere as condições financeiras que têm limitado o desenvolvimento brasileiro.

Empresas como a Vale do Rio Doce, que têm confiança no Brasil e investem cada vez mais no nosso setor produtivo, são grandes parceiras nessa empreitada.

Portanto, eu queria dizer ao companheiro Roger Agnelli, ao nosso companheiro Sérgio Rosa, à Direção da Vale do Rio Doce e aos funcionários: parabéns. Parabéns a todos vocês que têm coletivamente contribuído para elevar, cada vez mais, o nome do Brasil no cenário internacional.

Estejam certos que o Brasil entrou numa rota de crescimento econômico que não terá volta. Nós fizemos todo o sacrifício que tínhamos que fazer. Vocês acompanharam o que nós passamos. Ontem, completamos 18 meses de governo, não reclamamos, não choramos, não lamentamos, porque não queríamos ficar apenas diagnosticando o que não tinha sido feito. Era preciso dizer o que nós íamos fazer. E com muito sacrifício, preparamos o Brasil para entrar numa rota de crescimento. Não queremos que seja apenas mais uma bolha de crescimento, queremos que seja um crescimento efetivamente sustentável e que possa permitir que o Brasil cresça durante os próximos anos, de forma sucessiva. Essa é a melhor oportunidade para que a gente gere riqueza, gere emprego e distribua renda no nosso país.

Eu aprendi que tem uma coisa neste país que poucos países do mundo têm, e que poucas vezes nós utilizamos com qualidade, que é a questão da auto-estima do nosso povo.

Eu, uma vez, vi um documentário sobre a guerra do Vietnã, meu caro governador. Quando se discutia o início daquela guerra, quais eram as vantagens comparativas da força bélica americana, todo mundo tinha em conta



que aquela guerra era só chegar lá, para os americanos darem um tiro, correrem para o abraço e comemorarem a vitória. E na primeira reunião falava-se com muita facilidade da vitória da guerra. Passado algum tempo, eles começaram a descobrir que não estavam enfrentando um exército comparado ao deles, do ponto de vista bélico, mas estavam enfrentando um povo que, acima de tudo, tinha um canhão em cada gesto e em cada atitude. Eu me lembro de uma cena do secretário dizendo ao presidente Johnson: “Está ficando impossível, porque nós não estamos enfrentando um exército. Nós derrubamos uma ponte e, na semana seguinte, tem uma ponte de bambu. Nós detonamos uma estrada e, na semana seguinte, tem velhinhas de 70 anos puxando uma bicicleta e carregando 80, 90 quilos em cima da bicicleta para suprir a impossibilidade do caminhão. Portanto, não será fácil derrotar o Vietnã”.

Bom, a história todo mundo sabe. Todo mundo sabe como terminou aquela guerra. E isso é um pouco o que eu vejo aqui. Normalmente nós, brasileiros, costumamos falar mal do Brasil, nós lembramos que o Brasil é o país do carnaval, é o país do futebol, é o país do carimbó, é o país do frevo, é o país da criança de rua, é o país da violência, é o país não sei das quantas. Mas quantas vezes nós tivemos o orgulho de dizer que nós somos tudo isso, mas que nós também somos o país de um povo de uma criatividade extraordinária, que nós somos o país de uma Petrobrás, de uma Vale do Rio Doce, que nós somos um país capaz de fazer o que estamos fazendo agora, recuperando a nossa auto-estima. E foi isso que fizemos, assim que ganhamos as eleições.

Muitos países na América do Sul, governador, preferiam ter relações com os Estados Unidos, porque achavam que o Brasil era imperialista. E nós fomos convencê-los que nós éramos amigos, que nós poderíamos ser parceiros, fomos estabelecer uma relação de confiança. O presidente da Vale viajou comigo para vários países e percebeu a mudança de comportamento, porque nós fomos falar, não das coisas que o Brasil precisa fazer, mas nós



fomos falar das coisas que o Brasil já faz, nós fomos falar para eles que, do ponto de vista da mineração, nós não devemos nada a ninguém nesse mundo e podemos competir com qualquer país do mundo. Nós fomos falar para eles que temos indústria de ponta, capaz de competir com eles em qualquer situação. Nós fomos dizer para eles que, do ponto de vista do agronegócio, nós não devemos nada a ninguém, no mundo.

Por isso, estamos ganhando espaço e estamos ganhando parceiros. Não numa posição de hegemonia do Brasil sobre os outros, mas numa relação mais amiga, mais complementar, ou seja, discutimos com os nossos parceiros o que nós podemos fazer para ajudá-los e o que que eles podem fazer para nos ajudar.

E isso vai permitindo que a gente recupere não apenas a nossa auto-estima, de andar de cabeça erguida em qualquer lugar do mundo, sem nos sentirmos inferiores a quem quer que seja, sem nos sentirmos menores, mais pobres, sem ficarmos ofuscados com o brilho dos maiores que nós. O Brasil não está, hoje, entre as oito maiores economias do mundo porque, quando tivemos oportunidade de estar – a riqueza produzida neste país, de 1950 a 1980, para citar apenas três décadas em que o Brasil cresceu acima de 7% – a riqueza não foi distribuída corretamente para o conjunto da sociedade, e foi aumentando o fosso entre os pobres e os ricos do Brasil.

E nós sabemos que esse problema não se resolve num dia, não se resolve num ano e não se resolve num mandato. Mas uma coisa eu sei que a gente pode fazer, e estamos fazendo: é fazer com que cada mulher e cada homem do nosso país possa sentir, dentro de si, pelo seu país, pelo seu futuro, o mesmo orgulho que eu tenho certeza que vocês, trabalhadores deste extraordinário projeto de cobre, estão tendo aqui. E, certamente, o mesmo orgulho de vocês, meus companheiros e companheiras, que estão aí, com essa camisa do “Primeiro Emprego”. Eu sei o que está batendo dentro de vocês, porque já tive o meu primeiro emprego. Eu sei que está batendo dentro



de cada um de vocês o orgulho de trabalhar numa fábrica que permite a vocês conquistar a cidadania. E é isso que nós queremos, não apenas para a minoria. Nós queremos que o povo brasileiro possa, um dia, que não está muito longe, conquistar a sua cidadania, que é o direito elementar de trabalhar, o direito elementar de estudar, o direito elementar de tomar café, almoçar e jantar todo dia. O direito a ter acesso, quem sabe, ao lazer, de ter acesso ao conhecimento, que é o que vai transformar o Brasil num país de primeiro mundo.

Muito obrigado. Parabéns a vocês e parabéns à Vale do Rio Doce.